

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

3



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
3**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-051-3

DOI 10.22533/at.ed.513191601

1. Educação – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 3, apresenta 22 capítulos sobre os aspectos relevantes da educação e ou práticas educacionais. Os temas incluem um processo amplo de reflexão sobre a educação brasileira contemporânea.

As principais características do ensino e aprendizagem sob a ótica atuais fidedignas do setor educacional, estão apresentadas em capítulos como a relevância das tecnologias digitais utilizadas como uma metodologia imprescindível promovendo a equidade social nas diversas séries de ensino. As políticas afirmativas, as cotas é uma outra configuração que possibilita a inclusão de alunos no ensino superior. A violência na escola é outro tema que deve ser tratado como um debate inesgotável. A produção no espaço escolar pelo profissional e a formação do professor como aspecto positivo de desenvolvimento local e regional, são os assuntos abordados.

A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DOCÊNCIA NO CONTEXTO ATUAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: A EDUCAÇÃO VIRTUAL IMERSIVA	
<i>Marcelo P. Da Roza</i>	
<i>Jiani C. Da Roza</i>	
<i>Adriana M. Da R. Veiga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916011	
CAPÍTULO 2	14
A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)	
<i>Maria Francisca da Cunha</i>	
<i>Sueli Liberatti Javaroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916012	
CAPÍTULO 3	24
A INTEGRAÇÃO PEDAGÓGICA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO ATIVA DE PROFESSORES	
<i>Ana Luísa Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916013	
CAPÍTULO 4	38
FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTO EAD, TECNOLOGIAS E AVALIAÇÃO	
<i>Ana Paula Soares</i>	
<i>Luana Priscila Wunsch</i>	
<i>Lincoln Mendes de Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916014	
CAPÍTULO 5	54
USO DO SCRATCH E DA PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES PARA A POTENCIALIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE	
<i>Amilton Rodrigo de Quadros Martins</i>	
<i>Adriano Canabarro Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916015	
CAPÍTULO 6	68
JOGOS DIGITAIS EDUCATIVOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA: E AGORA, PROFESSOR?	
<i>Jociléa de Souza Tataçiba</i>	
<i>Sonia Regina Mendes dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916016	
CAPÍTULO 7	76
GERAÇÃO CONECTADA NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Luiza Carravetta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916017	
CAPÍTULO 8	95
AVALIAÇÃO EM UM CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E CONTEXTUALIZADA COM A PRÁTICA PROFISSIONAL	
<i>Luiz Fernando Delboni Lomba</i>	
<i>Olavo José Luiz Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916018	

CAPÍTULO 9	105
CONSTRUÇÃO DE AGENDA SOBRE EMPREENDEDORISMO JUVENIL NAS CONFERENCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE NO BRASIL	
<i>Maria Tarcisa Silva Bega</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916019	
CAPÍTULO 10	120
UMA NOVA ANÁLISE DA AÇÃO AFIRMATIVA COTA RACIAL SOB A ÓTICA DO RECONHECIMENTO	
<i>Soraya Gonçalves dos Santos Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160110	
CAPÍTULO 11	133
POLÍTICA E EDUCAÇÃO DE AFRODESCENDENTES NO BRASIL	
<i>Elaine Silva Alegre</i>	
<i>Liliane Capilé Charbel Novais</i>	
<i>Rozimeire Satiko Shimizu</i>	
<i>Marilza de Fátima Souza</i>	
<i>Elizabeth Leite de Oliveira Teodoro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160111	
CAPÍTULO 12	146
DO INGRESSO A PERMANÊNCIA: ESTUDOS SOBRE POLÍTICAS AFIRMATIVAS DE COTAS NO CURSO DE AGRONOMIA	
<i>Jean Carlo Nogueira Baron</i>	
<i>Paola Alves</i>	
<i>Tatiane Kucmanski</i>	
<i>Aline Ariana Alcântara Anacleto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160112	
CAPÍTULO 13	150
VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Rogério Goulart da Silva</i>	
<i>Maria Regina Ferreira da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160113	
CAPÍTULO 14	161
TRÍADE MULTIDISCIPLINAR: FAMÍLIA(S), CRIANÇA(S) E ESCOLA(S)	
<i>Eliane Lima Piske</i>	
<i>Ângela Adriane Bersch</i>	
<i>Maria Ângela Mattar Yunes</i>	
<i>Narjara Mendes Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160114	
CAPÍTULO 15	168
EDGAR MORIN E O PENSAMENTO COMPLEXO: PERSPECTIVAS NA CIÊNCIAS SOCIAIS	
<i>Nei Alberto Salles Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160115	

CAPÍTULO 16	178
EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA, FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Vera Núbia Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160116	
CAPÍTULO 17	191
A ÉTICA DO CUIDADO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADE DE PRÁXIS HUMANIZADORA?	
<i>Ilíria François Wahlbrinck</i>	
<i>Luci Mary Duso Pacheco</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160117	
CAPÍTULO 18	202
A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA: PROCESSO E DESTAQUES CUIABANOS NO SÉCULO XX	
<i>Geisa Luiza de Arruda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160118	
CAPÍTULO 19	212
LUGARES DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
<i>Shirlei Alexandra Fetter</i>	
<i>Daniel Luciano Gevehr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160119	
CAPÍTULO 20	224
ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: AVANÇOS E NOVOS DESAFIOS	
<i>Jovina Maria de Barros Bruno</i>	
<i>Rita de Cassia Santos Freitas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160120	
CAPÍTULO 21	237
REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INDIVIDUADA	
<i>Amanda Ribeiro da Luz</i>	
<i>Francielle Molon da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160121	
CAPÍTULO 22	253
ANÁLISE SEMIÓTICA DE TEXTOS VISUAIS CINEMATOGRAFICOS	
<i>Ana Carolina de Souza Moreira dos Santos</i>	
<i>Carlos Vinicius Veneziani dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160122	
SOBRE A ORGANIZADORA	261

REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INDIVIDUADA

Amanda Ribeiro da Luz

Universidade Federal de Rio Grande
Rio Grande - RS

Francielle Molon da Silva

Universidade Federal de Pelotas
Rio Grande - RS

RESUMO: O artigo pretendeu descrever a preparação prévia à inserção profissional de universitários como um processo de individuação. A pesquisa se caracterizou como exploratória e qualitativa, investigando relatos, obtidos através de questionários, de alunos matriculados no último semestre dos cursos de gestão e negócios da Faculdade de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Observou-se que esses relatos possuíam grande similaridade, significando a apropriação de um discurso homogêneo do mercado de trabalho – função da subjetividade capitalística. A desestabilização advinda da diferença do que se é e do que se deveria ser – sendo este último o perfil ideal de indivíduo do trabalho – faz da preparação prévia aos processos seletivos uma busca, uma assimilação, uma utilização e um repasse de informações e orientações que indicam modos de ser – ou kits de perfis-padrão. Tem-se, portanto, um processo de produção de subjetividades individuadas.

PALAVRAS-CHAVE: Inserção profissional, preparação prévia, subjetividade, individuação e singularização.

ABSTRACT: The article intends to describe a process of anticipation to the professional insertion of university students as a process of individuation. The research was characterized as exploratory and qualitative, investigating the results, having been carried through questionnaires, of students enrolled in the last years of the Administration courses of Administration and Tourism Faculties of the Federal University of Pelotas. It was observed that these reports had great similarity, meaning an appropriation of a homogeneous discourse of the labor market - the expression of capitalistic subjectivity. The destabilization resulting from the differentiation of what the person is should be better than the ideal profile of the individual at work - preparation for prior training is a task of seeking, assimilating, using and responding to information and guidance that modes of being-or-kits of standard profiles. We have, therefore, a process of production of individuated subjectivities.

KEYWORDS: Professional insertion, previous preparation, subjectivity, individuation and singularization.

1 | INTRODUÇÃO

A atual organização do trabalho se configurara a partir do conceito de flexibilização, que emergira em meados da década de 70, tomando sua glória na década de 90 (HARVEY 2005; ALVES, 2007; ANTUNES, 2002). Isso quer dizer que o enrijecimento característico da organização do trabalho sob o regime fordista-taylorista se pulveriza, dando lugar ao regime *toyotista* que aparece com uma nova forma de organização do trabalho; uma nova forma de discurso do trabalho, principalmente, ao que compete a inserção profissional; e uma nova forma de viver a subjetividade, em um cenário de acumulação flexível.

Diante das transformações oriundas dessa transição entre as diferentes épocas expostas, o indivíduo se vê diante de determinações no que pauta sua condição de existência, principalmente no que se refere à inserção no mundo do trabalho e as condutas para que isso aconteça. Nesse quadro, emerge a construção de uma carreira pelo próprio indivíduo, em um contexto flexível que transfere essa responsabilidade para tal (BARBOSA, 2011) devido ao fenômeno de desfiliação (CASTEL, 2013) junto aos discursos de empregabilidade, empreendedorismo, competências e outros (ALVES, 2007).

A inserção no mundo do trabalho e, portanto, a constituição de uma trajetória de carreira está atrelada a dois fatos importantes: o modo pelo qual o indivíduo irá conduzir seu desempenho diante das exigências do mundo do trabalho; e o modo da própria vida constituída por ele próprio (OLTRAMARI, 2011). Esses dois principais pontos funcionam como alavanca para iniciação de uma trajetória de carreira, como também, como alavanca à produção de subjetividade, incentivada por um processo de individuação em detrimento de um processo de singularização.

Para tanto, o objetivo do presente artigo se pauta na descrição da forma de preparação prévia à inserção profissional, de universitários, como um processo de individuação. Visto que universitários se apresentam em uma condição de transição entre academia e mercado de trabalho; de que a preparação prévia aparece como um processo de produção de subjetividade; e que às demandas e discurso organizacionais induzem um processo de individuação.

O presente estudo analisou como acontece a preparação prévia dos alunos, matriculados no último semestre nos cursos voltados a gestão e negócios da Faculdade de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. E se organiza da seguinte forma: capítulo 1 e 2, que trata do referencial teórico utilizado, metodologia, análise dos dados e considerações finais.

2 | AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO E O REFLEXO NO COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS

O período de expansão pós-guerra se estendeu entre os anos de 1945 e 1973. Durante esse tempo “um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico” (HARVEY, 2005, p.119) foram estabelecidos, contribuindo para emergência da concepção “fordista-keynesiana”, que atesta um marco de ruptura importante: o período pós-guerra. A partir de 1973, aparecem os primeiros ímpetus de passagem para um novo período: “acumulação flexível” (HARVEY, 2005). Este marcado pela fluidez e incertezas, representa outro marco de ruptura (HARVEY, 2005). Ambos são necessários para o entendimento de como a organização do trabalho se configurara, afetando, portanto, dimensões da vida do indivíduo.

Conhecido como “anos dourados do capitalismo” o fordismo-keynesiano se caracterizou por um período de comprometimento mútuo entre o Estado (com a política de pleno emprego), o capital corporativo e o trabalho organizado. Este último, representante do fordismo, baseado na produção em massa; no controle dos tempos e movimentos (cronômetro taylorista); no trabalho parcelar e fragmentação das funções; na separação entre elaboração e execução; na centralização e verticalização das unidades fabris; na constituição do operário-massa; dentre outros; apareceu como a primeira forma pela qual a indústria e os processos de trabalho se consolidaram ao longo do século (ANTUNES, 2002).

Porém a crise capitalista que se instaurara pedia novas estratégias para sua inversão. Frente a isso, o regime fordista-keynesiano se mostrou incapaz a essa nova demanda, sendo vistos como ultrapassados diante de um novo tempo: flexível. Isso quer dizer que se a configuração do sistema fordista, a união do capital corporativo, o Estado e organização do trabalho tinham tido tempos de glória, neste momento, caíam à medida que foi reconhecido o caráter rígido e indomável de tal regime que, escamoteavam, ao invés de garantir, a acumulação do capital. Assim se encerra o até então sólido regime fordista, que se manteve até 1973, baseado simplificada em uma produção em massa, com padrões estáveis de lucros, monopólios e, também, de vida da população trabalhadora. Conquanto depois da recessão alojada a partir de 1973, emerge o início de uma de transição ancorada no mais interior da acumulação de capital (ANTUNES, 2002; HARVEY, 2005).

Inicia-se um período de reestruturação política, social e econômica que, influenciado por um contexto característico por oscilações, instabilidades e incertezas acabam por afetar a organização industrial, vida social e política.

A flexibilização de contratos, contando com acordos atípicos de trabalho – com tempo indeterminado, vínculos informais, etc.; institucionalização de uma hierarquia horizontalizada – com incentivo para equipes de trabalho e elevando o grau de autonomia; a jornada de trabalho com horários flexíveis independentemente da

presença física – modificando as concepções de espaço e tempo; a variedade de tarefas direcionadas à multiplicidade, multifuncionalidade e polivalência – substituem a tradicional condição de assalariamento; hierarquia rígida e piramidal; as jornadas bem definidas de trabalho – onde se podia enxergar seu início e fim; divisão do trabalho e especialização da atividade (HARVEY, 2005, ALVES, 2007, ANTUNES, 2002). Assim se consolida o processo de reestruturação.

A vista disso a crise do binômio taylorismo-fordismo tornou hegemônica uma nova organização científica do trabalho: o *toyotismo*. Suas características quanto à forma de organizar o trabalho se transformaram em exigências para as organizações, que passaram a se adaptar a estas como forma de obter competitividade (HARVEY, 2005). Para tanto, o *toyotismo* fora instilado nas organizações, enaltecendo-se através de características fora dos padrões do regime precedente, flexibilizando o aparato produtivo, a organização do trabalho e, também os indivíduos (ANTUNES, 2002).

A flexibilização dos indivíduos se refere tanto ao ato de trabalhar como ao de viver. Sennett (2009) afirma que o capitalismo flexível corrói o caráter dos indivíduos e os impede de construir uma trajetória de vida coerente, devido: a transição de uma visão de longo para curto prazo, assim como, a superficialidade dos vínculos e precariedade nos modos de conduta; a busca por uma trajetória fragmentada ao invés de uma trajetória estável; individualismo e competição entre pares a transferência da responsabilidade por um emprego, da empresa para o indivíduo aliada ao discurso de autoempreendedorismo, de competências e de resiliência frente ao risco; desfiliação de laços de pertencimento ao Estado e a organização; são alguns exemplos – dentre outros – objetivados, no que pauta a mudança do modo de vida (ALVES, 2007; SENNETT, 2009; HORST, et. al., 2011; OLTRAMARI, 2011; BARBOSA, 2011; CASTEL, 2013). Todos os fatos elencados também causam ansiedade (SENNETT, 2009). Visto essas inúmeras instabilidades pelas quais as trajetórias de vida dos indivíduos passam, as organizações aparecem como uma representação significativa a se aliar por inteiro, sem questionamentos quanto a sua legitimidade (HORST, et. al., 2011), apta a se constituir como espaço de criação de uma carreira.

Essa nova lógica trouxe uma modificação bastante interessante no que compete a trajetória profissional: a concepção de emprego fora esgotada no período fordista e é substituída pela concepção de carreira. Isso significa que a carreira está sob a responsabilidade do indivíduo assim como o emprego está sob a responsabilidade de organização. Há um deslocamento da responsabilização da condição de existência material. E o indivíduo passa a ser o único e total responsável pela sua empregabilidade (BARBOSA, 2011).

O caráter de uma carreira progressiva e linear durante uma vida, sob proteção de uma organização empregadora se perde dando entrada para uma carreira condizente ao tempo que se configura: flexível. A mobilidade ascendente (SENNETT, 2009) dá nome a uma trajetória que a todo instante se desloca em prol de maiores e melhores condições de *status*; de forma que, experienciar vários trabalhos/cargos/atividades em

curto prazo ganha mais força ao invés da estabilidade de um emprego duradouro em uma única organização.

A carreira, nesse sentido, se refere “às formas de autocontrole pelo comprometimento e dedicação à empresa e desenvolvimento das competências necessárias ao crescimento profissional exitoso” e “às formas de controle a respeito das políticas da vida que se constituiu”, fatos os quais resultam em processos de subjetivação, à vista de que o indivíduo investe sua vida à organização rendendo seu corpo, sua vida, sua saúde (OLTRAMARI, 2011, p.75).

Para tanto, essa nova forma pela qual a organização do trabalho passara a ser estruturada modificou a esfera produtiva, mas não só esta. O indivíduo, àquele que se submete ao trabalho como forma de condição existencial, visto que este [o trabalho] é posto por Marx (2008) como elemento central na vida humana, também sofre modificações. Isso significa que as exigências desse novo modelo não operam tão somente na esfera do trabalho, mas também, operam no indivíduo e na sua trajetória; na medida em que, este, para se inserir no mercado de trabalho e construir uma carreira, deve corresponder às demandas ou preencher os requisitos necessários à atividade ou vaga oferecida, mesmo que isso possa vir afetar a formação de sua subjetividade.

Pode-se dizer, portanto, que as “carreiras estão associadas às discussões sobre subjetividade e processos de subjetivação, que revelam estilos de vida contemporâneos, principalmente aqueles relacionados à velocidade, à instantaneidade, à mobilidade, à intolerância, à frustração [...]” (OLTRAMARI, 2011, p.77), visto que “a inserção no mercado de trabalho é um momento particular no qual o ingressante aprende suas regras” (OLIVEIRA, 2011, p.102).

3 | SUBJETIVIDADE, PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO

A discussão da subjetividade, para Grisci (1999a, 1999b), está atrelada a outros dois fenômenos, transformados pela reestruturação produtiva, recém vistos: o tempo e o trabalho.

A experimentação do tempo, no contexto vigente oposta ao regime predecessor, acontece de uma nova forma: flexível e acelerado, a simultaneidade e instantaneidade demarcam o tempo que fora controlado pelas linhas de montagem. O tempo linear e crescente fora arrebatado por um tempo desregular e imediato: “tempos a indicarem coexistências, a enaltecerem o aqui e agora. Tempos atravessados por velocidades extraordinárias que desvalorizam passado, presente e futuro” (GRISCI, 1999b, p.03). O tempo passa a ser associado à velocidade e a aceleração devido às fugazes demandas de trabalho; mas não é o tempo que acelera ou se torna veloz, é o indivíduo

(KEHL, 2009). Portanto, é no trabalho que se se processam modos de experimentar o tempo, aparecendo, nesse sentido, uma vertente importante de subjetivação (GRISCI, 1999a, p 94).

O que passa despercebido, como salienta Kehl (2012), é que o tempo é o tecido da vida, portanto, a vida é feita de tempo; e o resto é o que se faz com ele. Porém, a percepção do tempo passara a ser outro: o tempo está acelerado e a isto impede com que se construa uma trajetória coerente, pois não se tem mais a experiência e, sim, vivência; isso quer dizer que o tempo se tornara banal, na medida em que a velocidade/aceleração que preside a vida faz com que as ações sejam instantâneas e impensadas e, por isso, esquecidas rapidamente.

Tais formas de experimentar o tempo afetam o modo de viver dos indivíduos e, com isso, absolutizam e banalizam trajetórias que, diante da exigência de velocidade, não se pensa e não se compreende; se age (GRISCI, 1999b): “a sensação do tempo não é, no entanto, necessariamente, acompanhada de uma reflexão acerca dele, uma vez que a própria forma de experimentá-lo pode não possibilitar ao sujeito um tempo de reflexão” (GRISCI, 1999b, p.04). Esse fato somatiza a questão da subjetividade, neste caso, em prol dos ditames do capital.

A inter-relação das novas concepções de trabalho e tempo, mediadas pelas transformações da reestruturação produtiva, afetam as subjetividades. Grisci (2002) alerta que nesse contexto: “cabe às subjetividades reconfigurarem-se. Tais reconfigurações mostram-se atravessadas pela questão do trabalho e do tempo, paradigmáticos nos modos de viver e de subjetivar contemporâneos” (GRISCI, 2002, p.05).

Deste modo, o indivíduo diante da sua situação frente ao mercado de trabalho junto aos ditames deste – que possui o privilégio de decisão da inserção e exclusão – “torna-se capacitado para assimilar e aceitar de forma ativa as mudanças que a eles se impõem como se fossem naturais” (SOUZA, 2008, p.334). Por isso, a formação de subjetividade em prol de uma ordem proclamada pela acumulação flexível aparece como um meio de inserção profissional.

Os autores colocam em voga a produção de subjetividade sob a égide de uma máquina capitalista, de uma ordem capitalística e de um capitalismo mundial integrado, ocasionando “indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.16), uma vez que “a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.32).

Nesse sentido, o indivíduo, ao mesmo tempo em que está consigo se encontra diante de inúmeras determinações no presente, já tendo as encontrado em outras circunstâncias no passado e, ainda, há de se deparar no futuro. Essas determinações são, muitas vezes, consumidas de forma que afeta a produção de sua subjetividade. Nesse sentido, o indivíduo, para Guattari e Rolnik (1996), existe como um terminal

que “se encontra na posição de consumir subjetividade”. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc. – sistemas que não tem nada a ver com categorias naturais universais” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.32). Diante disso, os indivíduos passam a ser resultado de uma produção em massa, “serializado, registrado e modelado” no registro social (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.31).

Dois importantes conceitos engendram a discussão no que pauta a subjetividade capitalística, o “capitalismo mundial integrado” e a “ordem capitalística” (GUATTARI, ROLNIK, 1996). O primeiro dá nome ao atual contexto que engloba todos os aspectos evidenciados até o presente instante; a última aparece como a ordem do mundo ou a ordem que acentua o CMI, que se projeta tanto na realidade do mundo, como também, na realidade psíquica (GUATTARI, ROLNIK, 1996). Ambas operam as máquinas capitalistas produtoras de subjetividade que preparam os indivíduos, através de equipamentos coletivos desde a infância para o consumo da subjetividade capitalística e, portanto, para uma reprodução de uma vida pautada em valores capitalistas (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Isso contribui para compreensão de como a disseminação de, primeiramente, um discurso de perfil ideal do indivíduo do trabalho e, logo, o aparecimento deles em sua forma concreta: um amoldamento de subjetividades e indivíduos similares. Isso acontece quando “tudo que é produzido pela subjetivação capitalística [...] não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transformação de significações por meio de enunciados significantes”, também não “se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos e etc.”, e sim “trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.27).

Visto isso, os indivíduos “são reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos, que respondem ao mercado capitalista e seus equivalentes gerais. São espécies de robôs, solitários e angustiados” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.40). Nesse caso a subjetividade perece em prol da ordem capitalística, que “‘amassa’ os processos de vida social, em sua riqueza diferenciadora e, com isso, produz, a cada fornada, indivíduos iguais e processos empobrecidos” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.39), já que a que “a tendência é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.40).

Sendo a subjetividade social (GUATTARI, ROLNIK, 1996) é vivida pelos indivíduos particularmente, sob uma relação de “alienação e opressão” ou “expressão e criação”. Esse tipo de relação retrata a forma pela qual os indivíduos consomem a subjetividade – resgatando a ideia de terminal individual. Nesse sentido, uma relação de “alienação e opressão”, em que acontece a submissão dos indivíduos à subjetividade de ordem capitalística, o resulta em um processo de individuação; em contrapartida uma relação de “expressão e criação” o qual o indivíduo resiste à subjetividade de ordem capitalística, resulta em um processo de singularização (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

“O processo de singularização de subjetividade se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.37), sendo abortivo aos valores capitalísticos, com o objetivo de afirmação aos valores próprios e particulares de si, mesmo que os valores capitalísticos permaneçam incessantemente em volta. Tal processo é automodelador, ou seja, ele entende os elementos da situação e constrói, a partir disso, suas próprias referências, independentemente da ordem a qual se impõem. Isso confere ao indivíduo possibilidade de preservar exatamente o que se é (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Em contrapartida, o processo de individuação da subjetividade é “correlativa de sistemas de identificação que são modelizantes” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.38) que, por consequência, pretende bloquear o processo de singularização, para sua instauração efetiva. Dessa forma “os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.38) e em vista disso “passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.38). Grisci (1999a) alerta que o processo de individuação e o que dele procede “não só ignoram, como também interrompem os modos de experimentar o viver, o morrer, o nutrir e o trabalhar cultivados pelos sujeitos” (GRISCI, 1999a, p. 101), ocorrendo uma produção de indivíduos a fornada (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Vale ressaltar que o processo de singularização e o processo de individuação possuem sentidos opostos, mas isso não quer dizer que não coadunem. Guattari e Rolnik (1996) alertam para esse fato: o da possibilidade de um entrecruzamento de ambos: “pode haver um deslizamento entre um e outro, visto que ora o indivíduo pode impor resistências, ora se vê assujeitado pelos dispositivos da produção de subjetividade” (OLTRAMARI, 2011, p.79).

Parece utópico a tentativa de um processo de singularidade, visto a proclamação de valores legitimados pela ordem capitalística: “a apropriação da produção de subjetividade pelo CMI esvaziou todo o conhecimento da singularidade” e, por isso as tentativas de singularização parecem tão difíceis e problemáticas, já que “todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.50). Porém os autores manifestam que possibilidades concretas de resistências e, portanto, de singularização.

Após essa breve discussão, torna-se explícito o intuito de uma massificação de subjetividade – e não, de um processo de singularização – em prol do capital, que abrangem não só modo de trabalhar, mas também, ao modo de viver, derivada de uma nova ordem social vigente, que desencadeou o aparecimento abundante de novas manifestações subjetivas (KEGLER, 2006, p.02) em configurações frágeis, visto a enormidade de demandas subjugadas ao mundo do trabalho e aos tempos que correm; desencadeando, portanto, a produção de “indivíduos deslocáveis ao sabor do mercado” (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

O indivíduo, portanto, compelido a responder às transformações “perde o norte de suas produções subjetivas singulares, mas a indústria lhe devolve uma subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada” (KEHL, 2003, s.p). A subjetividade industrializada aparece como consumidora avida do vazio, uma vez que o preenche com o que lhe é propício. Nesse sentido o indivíduo seduzido pela “paixão de pertencer à massa, identificar-se com ela nos termos propostos pelo espetáculo” (KEHL, 2003, s.p) se deixa envolver.

A possibilidade de uma inserção social, no sentido lato, e organizacional em sentido específico, está alicerçada à adoção de uma subjetividade específica, ou como Rolnik (1997) prefere: kits, “kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades” (ROLNIK, 1997, p.01), que o próprio mercado determina, anuncia e espera, dessa forma, que sua “produção a fornada” (GUATTARI, ROLNIK, 1996) bata a sua porta.

No sentido desse estudo, os kits de perfis-padrão, que influenciam a formação da subjetividade daqueles que rumam à inserção profissional, serão elucidados a partir das exigências que partem do mundo do trabalho.

4 | METODOLOGIA DO ESTUDO

O presente artigo corresponde a um estudo qualitativo e exploratório que possibilitam o entendimento da realidade social, entre mundo real e sujeito (GIL, 2002) para fins do estudo pretendido: descrever a forma de preparação prévia à inserção profissional, de universitários, como um processo de individuação.

Foram utilizados questionários como fonte direta para obtenção dos dados, a fim de entender como acontece a preparação prévia dos jovens universitários. Para tanto, aplicou-se questionários, estruturados com perguntas abertas referentes à temática pretendida, ao universo de pesquisa: alunos do último semestre dos cursos Bacharelado em Administração, Superior em Tecnologia em Gestão Pública e Superior em Tecnologia em Processos Gerenciais do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Totalizaram-se 80 (oitenta) questionários válidos divididos entre os cursos, sendo 14 (quatorze) alunos do curso de Bacharelado em Administração, 31 (trinta e um) alunos do curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública e 35 alunos do curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais.

A escolha desse universo se deu por dois motivos principais: tomou como pressuposto de que os alunos dos cursos apresentados, matriculados no último semestre e presentes nos dias das aplicações, se apresentam em situação final à graduação e, portanto, possuem uma preocupação com sua breve entrada, mais qualificada, no mercado formal de trabalho após o recebimento do título; e o fato de que as turmas correspondem a cursos de orientação gestor e negócios, ou seja, cursos fortemente expostos ao discurso neoliberal e, conseqüentemente, empresarial

que emboscam a ideia de responsabilização da condição de emprego ou carreira, a partir de conceitos imersos a essa lógica: empreendedorismo, competência, livre iniciativa, sucesso, entre outros. Para tanto, por conveniência, os universitários foram representados pelo público alvo já explicitado.

Vale ressaltar que não houve identificação dos sujeitos respondentes nos questionários, dessa forma adotou-se a seguinte nomenclatura para situar os relatos correspondentes a cada um dos respondentes: Q1, para o questionário respondido número 1; Q2 para o questionário respondido número 2; Q3 para o questionário respondido número 3, e assim por diante.

Por fim, para análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (1977). Os dados obtidos foram considerados quanto ao seu conteúdo, como forma de, posteriormente, relacioná-los diretamente com a teoria que, respectivamente, o alude, permitindo, dessa forma o alcance do objetivo do estudo em questão.

5 | ANÁLISE DA PREPARAÇÃO PRÉVIA À INSERÇÃO PROFISSIONAL

Os dados analisados permitiram o entendimento de como acontece à preparação prévia à inserção profissional dos universitários questionados. Suas respostas se voltaram às questões similares, ou seja, houve uma aparente homogeneização de um discurso no que pauta o entendimento das exigências do mundo do trabalho e as ações de preparo. Ainda, se fez presente à intenção de mudança de si em prol da desejada vaga de emprego. Os dados serão analisados a partir dos relatos obtidos como resposta ao questionário, para melhor percepção e análise.

Entre o preparo prévio e a inserção no mercado de trabalho existe uma espécie de funil: o processo seletivo, porta de entrada ao emprego. Este, por ser a forma de garantia de emprego e, mais que isso, de construção de uma carreira, aparece como um momento de decisão, mais da organização do que do indivíduo – mesmo que a responsabilidade de emprego recaia sobre o indivíduo (BARBOSA 2011) –, o que causa preocupação, nervosismo e ansiedade frente à imprevisibilidade dos tempos, tratados como normalidade – aspectos evidenciados como mal do vigente regime de acumulação (SENNET, 2009, GRISCI, 1999, ROLNIK, 1997, KEHL, 2009) – pelos respondentes ao apresentarem tais sentimentos.

É sempre um momento tenso onde em muito pouco tempo você será avaliado se tem ou não o perfil para ocupação da vaga. (Q29)

É normal não se sentir pronto, devido à imprevisibilidade das perguntas que são feitas. (Q16)

A questão do perfil requerido, pelos discursos presentes no mercado de trabalho, é evidenciada, assim como a adaptação a este, e ainda a recorrente sensação de que sempre se tem algo a buscar, o que traz à vista a aceleração e experiência *versus* vivência (KEHL, 2009, 2012).

Precisamos estar sempre a frente dos demais adaptando-se sempre ao ambiente e à competitividade. (Q34)

Acho que nunca vou me sentir preparada, quanto mais se estuda ou se tem conhecimento, menos confiança eu tenho, pois mais se sabe o quanto ainda pode ser aprendido. (Q46)

Dessa forma o indivíduo tem sob sua própria responsabilidade a condição de emprego, porém a decisão final foge às suas mãos, já que lhe independe (BARBOSA, 2011). Por isso, deve estar atento as demandas, como evidenciada pelos respondentes: imprevisíveis e imediatas, respondendo-as na forma de adaptação, o que demonstra um consentimento, inconsciente ou não, do processo de individuação (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Ainda nesse sentido, a preparação prévia desponta como uma necessidade, um pré-requisito a esse meio, posto que os respondentes que afirmaram se sentir preparados ao momento de seleção, relacionaram esse fato ao estudo que fizeram sobre a organização a qual prestavam processo seletivo, além da atenção aos requisitos quanto a cargo, função e, ainda, perfil demandado. Os respondentes apontaram que esse tipo de auxílio traz sensação de segurança e aparecem como vantagem diante o entrevistador, pois adequam-se condutas e falas conforme o que foi buscado como informação/orientação prévia, que garantem sucesso.

A preparação em si, dos universitários respondentes, acontece por meio do que Guattari e Rolnik (1996) chamam de equipamentos coletivos “que praticamente teleguia, codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor, etc” (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p.128). Sendo estas: a escola, a universidade, a mídia e outros, sendo neste caso: cursos, palestras, internet/sites/redes sociais, professores, familiares, revistas, jornais, livros e funcionários/amigos conhecidos que trabalham na empresa desejada.

As principais informações/orientações buscadas como preparo se referem: à empresa divulgadora da vaga, ao perfil requerido, às respostas prontas e corretas para perguntas frequentes, à aparência física, às formas de comportamento e conduta, e metodologia utilizada nas entrevistas. E os motivos relatados sobre tal busca correspondem: ao sentimento de segurança e confiança no momento da seleção; demonstrar preparo e interesse; se aproximar ao máximo do perfil pretendido; saber se comportar adequadamente; obter melhor colocação entre os candidatos; maior chance de contratação.

Percebe-se, portanto, como há de se confirmar nos próximos trechos, ainda, a preocupação entre o que se é e o que se deve ser para inserção profissional, fato o qual compreende o que Rolnik (1997) chama de desestabilização. A referência identitária, neste instante, aparece como conflituosa ao perfil desejado, fato que promove vazios no sujeito. Como forma de preencher tais vazios, se consomem os “kits de perfis-padrão” de Rolnik (1997) por meio de informações/orientações advindas do mundo do trabalho.

Houve, por parte dos respondentes, não só a busca por informações/orientações, mas também o uso destas, e afirmam que estas tiveram pertinente influência diante da seleção – em entrevistas e dinâmicas de grupo – na postura, no comportamento, na aparência, na similaridade com o perfil exigido, no conhecimento sobre a empresa em questão e em respostas prontas. Alguns trechos exemplificam:

Tentei me lembrar da forma recomendada de como passar as informações sobre o meu perfil. (Q49)

Respondendo o que o entrevistado gostaria de ouvir. Demonstrando algum conhecimento sobre a empresa. (Q2)

Como um filtro para o que eu deveria falar a salientar no momento certo (Q49).

Dizendo que possuo um hobby sendo que não possuo, nunca possui, ou que pratico esporte quando sou sedentária. Só porque sei que isto é importante (Q38)

Percebe-se, assim, a preocupação com a adequação às exigências que o contexto impõe. Os relatos dos indivíduos versam sobre uma forma pontuada, programada e atuada frente à possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Ou seja, na busca por “kits perfis-padrão” (ROLNIK, 1997) o indivíduo se perde do seu próprio eu – ou de suas singularidades (GUATTARI, ROLNIK, 1997; KEHL, 2003).

Ainda, os respondentes mencionaram que se não se preparassem da forma explicitada poderiam conviver com a insegurança durante o processo, não corresponderiam às exigências, teriam desempenho inferior ao que se gostaria/deveria e não teriam sucesso quando à efetivação, como se pode observar nos trechos:

Sentiria fora do padrão estipulado, entretanto, nem todas empresas utilizam o mesmo padrão, desta forma, isto poderia ser benéfico. (Q36)

Poderia ser mais sincera, mas teria convicção que seria descartada. (Q?)

Acredito que poderia não ter deixado o entrevistador tão satisfeito. (Q49)

A preocupação com a condição de emprego – que depende somente de si (BARBOSA, 2011) –, e com o padrão exigido se torna evidente diante da possibilidade de “descarte”, como fora colocado, ou fracasso na linguagem de Sennett (2009). Ainda questões intrínsecas a existência humana como o emocional e o impulso – de determinadas formas de expressão – são vistas como absurdas, ou extraordinárias que perturbam a harmonia. Para Guattari e Rolnik (1997) isso chamam isso de infantilização – uma função da subjetividade capitalística – que aspecto que rompe a espontaneidade, senco característico do processo de individuação (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Dessa forma o preparo prévio que, neste caso, significa a busca, o uso e a assimilação das informações/orientações aparece como forma de auxílio nos processos de seleção.

Com certeza, pois te ajuda a demonstrar segurança e ajuda a salientar as possíveis características que a empresa esteja buscando no momento da seleção. (Q49)

Ocasionalmente, no ponto de vista dos respondentes, um resultado positivo:

O entrevistado que conhece um pouco da empresa, pode direcionar seu discurso para tentar impressionar o entrevistador e ter alguma vantagem. (Q40)

Após buscar orientações consegui o sucesso na entrevista ocasionando na contratação. (responsabiliza o preparo) (Q43)

Fui selecionado. (Q57)

Consegui a vaga. (Q58)

Acredito que estou empregado devido as estas orientações. (Q49)

Nesses trechos não só aparece o preparo prévio, mediante as formas expostas, como algo vantajoso, mais do que isso, como uma garantia de sucesso à efetividade da seleção – resultado positivo. Como pode ser visto, alguns respondentes acreditam que sua efetivação no processo seletivo é consequência de tal preparo ou, nas entrelinhas, do discurso. O discurso, que por detrás, está incutido desde a infância, através do reforço por equipamentos coletivos, formando uma subjetividade capitalística, ou propiciando o processo de individuação para.

Após ser visto que os respondentes buscam por certas informações/orientações como preparo prévio, as assimilam, as aplicam e as utilizam nos processos seletivos; eles mencionam também que as repassam como forma de ajudar aqueles que se encontrarão em mesma situação. Tem-se a disseminação em todos os níveis dos ditames do mercado, fato que facilita o processo de individuação.

Existe, portanto, um amoldamento, ora inconsciente, ora consciente. Os respondentes quando tratam de sua disposição a mudança, a transformação e a adaptação como forma de inserção no mundo do trabalho consentem:

Acredito que pequenas mudanças nas atitudes sejam necessárias para a adaptação ao local de trabalho. Uma empresa ou cargo pode exigir que para que haja o efetivo exercício da função o profissional apresente comportamentos distintos, assim como, é possível que este tenha que se comportar de acordo com a cultura e normas da empresa. (Q37)

Quando se precisa de um emprego, acredito que devemos passar por cima de algumas coisas. Abrir mão de outras e se adaptar-se ao ambiente o qual está inserido. (Q39)

Qualquer atitude é válida para uma vaga. (Q78)

Vejo que quando chego a um novo local devo respeitar e me adaptar a esta nova realidade, penso que o empregado adaptar-se a empresa e não ao contrário. (Q13)

Tais respostas se alinham com o que Oliveira (2011) menciona sobre que o ingressante ao mercado de trabalho, aprende suas regras. Intenções futuras, construção de uma carreira, mobilidade ascendente e sonhos profissionais também foram marcantes a disposição à mudança.

Pois às vezes temos que se moldar para ter o que sonhamos, nem que esse molde tenha um tempo determinado. (Q59)

Se a vaga é desejada e interessante para o que queremos para nossa vida podemos considerar a adaptação. (Q41)

Para crescer profissionalmente é necessário mudanças. (Q67)

Nesses trechos percebe a inserção profissional mais que um emprego na concepção que antecederia, e sim como algo mais amplo, como o que se pretende da vida, como realização de sonhos, que se alinha com a concepção de carreira. Tem-se, portanto, a carreira em detrimento do emprego (OLTRAMARI, 2011).

Ainda a mudança foi associada: a uma forma de melhoria; ao aprendizado; a sua essencialidade no tempo vigente; a necessidade financeira, que fora citada como incentivadora; e quem se opõe a ela, terá como punição a exclusão. Além disso, vale ressaltar que se obtiveram respostas de que a mudança é uma exigência da vida, assim como, houve comparações de que a transformação do homem e do mercado é constante e estão alinhadas. Nesse sentido se percebe o alinhamento dos respondentes para com o mundo do trabalho, e como isso é percebido como uma demanda a ser respondida, sem possíveis indagações, o que permite mais facilmente o processo de individuação (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Alguns poucos respondentes demonstraram “sinais” do que Guattari e Rolnik (1996) chamam de processo de singularização, ou seja, existe a preocupação com a fidelidade à referência identitária.

Não atingindo a minha dignidade e nem de demais pessoas, mudaria/adaptaria para melhor conquistar o emprego desejado. (Q45)

Pois busco um local que mire o mesmo norte que eu. (Q79)

Pois minhas atitudes vêm do que eu sou, ou eu não renderia 100%. Ou teria muito esforço em mudá-las me descaracterizando. (Q15)

Ainda que fora inexpressiva a quantidade de indivíduos que apresentaram suposta singularização em comparação aos demais respondentes, se fez necessário tornar tal fato em evidência, como forma de demonstrar o conflito entre a individuação e singularização, ou ambas em mesma face, trazendo à tona a desestabilização que Rolnik (1997) sinaliza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados possibilitaram o entendimento de como acontece o preparo prévio à inserção no mercado de trabalho do público alvo, permitindo fazer a reflexão deste para com o processo de produção de subjetividades individuadas. Através relatos obtidos se pode perceber a influência das transformações do mundo do trabalho – submersa em um regime de acumulação flexível – nos indivíduos, mediada por uma preparação prévia aos processos de seleção, que se dá a partir da busca, assimilação, uso e repasse de informações/orientações disseminadas pelos mais diversos meios – equipamentos coletivos – de como se deve ser no meio organizacional. Vale ressaltar que as respostas obtidas foram similares e de mesma percepção do mundo, fato o qual evidencia a apropriação de um discurso homogêneo – função da subjetividade

capitalística. Fato esse que pode estar relacionado ao grupo investigado pertencer a um coletivo que de certa maneira molda seu comportamento aquilo que o mercado espera, uma vez que o ensino dos cursos de gestão tem, em geral, esse aspecto presente nos seus currículos e em suas discussões.

O tempo efêmero clama por efemeridade, e o indivíduo imerso nesse contexto toma como obrigatoriedade respondê-lo da forma como lhe é exigido, para sua inserção profissional, seja como garantia de emprego, seja como primeiro passo à construção de uma carreira – associada a desejos e sonhos. Nesse sentido, aparece uma lacuna do que se é e o que se deve ser; entre em cena a mudança e a adaptação às exigências impostas – sob a forma de perfis específicos –, como forma de preenchimento ao vazio propiciado por tal lacuna.

Esse estudo contribuiu para reflexão dos processos de individuação em que todos são submetidos e sobre como, nós mesmos somos reforços, pelas nossas escolhas para tal. Por isso, essa discussão não deve ter como fim esse único estudo. Além disso, é válido ressaltar que a amostra se restringiu a um público seletivo, por conveniência, de forma que limita a abrangência dos resultados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Editora Praxis, 2007.

BARBOSA, Attila Magno e Silva. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v.19, n.38, p.121-140, fev. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Tradução: Iraci D. Poleti. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUATTARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GRISCI, Carmem Ligia lochins. Trabalho, tempo e subjetividade e a constituição do sujeito contemporâneo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, p.87-106, 1999a. Edição especial.

GRISCI, Carmem Ligia lochins. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da psicologia nas organizações. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.19, n.1, p.2-13, 1999b.

GRISCI, Carmem Ligia lochins. Tempos modernos, tempos mutantes: produção de subjetividade na reestruturação do trabalho bancário. **Socius Working Papers**, Lisboa, n.3, p.5, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HORST, Ana Carolina. et al. Os vínculos frágeis no capitalismo flexível e o sequestro da subjetividade.

In: FERRAZ, Deise Luiza da Silva; OLTRAMARI, Andrea Poletto; PONCHIROLLI, Osmar. (Org). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.52-65.

KEGLER, Paula. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica**: novas configurações subjetivas na contemporaneidade. 2006. Monografia (Graduação em Psicologia). Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2006.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Artigos e ensaios Maria Rita Kehl**, 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivacao.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

KEHL, Maria Rita. Depressão e capitalismo: entrevista com Maria Rita Kehl. **Estadão**, São Paulo, 22 abr. 2009. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/depressao-e-capitalismo-entrevista-com-m/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

KEHL, Maria Rita. Café filosófico: aceleração e depressão. **Youtube**, 2012. Entrevista concedida ao Café Filosófico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6sCMi4s-kzo>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MARX, Karl. 2008. **O capital**. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de. Ponto de partida: a juventude e o ingresso no mercado de trabalho. In: FERRAZ, Deise Luiza da Silva; OLTRAMARI, Andrea Poletto; PONCHIROLLI, Osmar. (Org). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.66-79.

OLTRAMARI, Andrea Poletto. A carreira e sua auto-gestão. In: FERRAZ, Deise Luiza da Silva; OLTRAMARI, Andrea Poletto; PONCHIROLLI, Osmar. (Org). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. p.102.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: Daniel Lins (Org.). **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução: Marcos Santarrita. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, José dos Santos. A qualificação do trabalhador no contexto da construção de nova regularidade para a produção social da vida material no capitalismo contemporâneo. In: TUMOLO, Paulo Sérgio; BATISTA, Roberto Leme. (Org). **Trabalho, economia e educação: perspectivas do capitalismo global**. Maringá: Praxis, 2008. p.334.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-051-3

